ANO 6.º — Sexta-feira, 17 de Outubro de 1913 — NUMERO 293

O DEMOCRATA (AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)
Ano (Portugal e colónias) . . . 1$20
Semestre . . . $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso . . . $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
—(*)—
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA
Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

DESVAIRAMENTO

Não podemos — para que negal-o?—de fórma alguma concordar com a orientação seguida até agora nos trabalhos preparatorios eleitoraes, quer êles se manifestem nos comicios quer irradiem na imprensa.

De qualquer dos dois campos em mais aberta hostilidade—democratico e evolucionista—não se empregam os processos inerentes á situação nem ao momento politico que atravessâmos o qual deve atingir os seus termos a 16 do mez proximo, dia marcado para as eleições de deputados donde devem saír os nomes daquéles que ha câmara teem de preencher as vagas existentes.

Quaes as impressões que o mais simples observador póde recolher do seu exame á situação que decorre?

Já viu que os indigitados candidatos tenham vindo ao seio dos seus eleitores dizerlhes da sua futura conduta e propositos?

Já alguem lhes ouviu as afirmações garantindo o seu decidido empenho na defêsa de todos os actos de justiça esforçados, por sua vez, na protecção aos interesses mais vitaes dos seus circulos e na conquista dos melhoramentos mais inadiaveis para os seus eleitores?

Conhece algum dos seus rasgados e democraticos projectos de lei, estabelecendo novos principios de justiça, moralidade e progresso?

Nada disso, porque nem os proprios indigitados para serem oferecidos ao sufragio se conhecem.

Comtudo, em substituição a tudo isto, que espetaculo ridiculo e deprimente nos oferecem! Dum lado a mais desbragada linguagem contra os homens do govêrno, cobertos dos mais injuriosos epitetos e grosseirissimas referencias pela boca de quem nunca deveria descer a taes processos; do outro, a arruaça indigna e impropria dos que entendem que só assim devem manifestar as suas opiniões ou combater a falsidade ou a verdade do que contra os seus programas politicos e os chefes dos grupos a que pertencem referem os adversarios.

O que pela boca do respectivo chefe e de outros oradores nos ultimos comicios evolucionistas foi afirmado, é um erro; um erro muito gràve mesmo porque traz á convicção de todos que se mantém o mesmo sistêma de épocas passadas, que representaram para o regimen deposto um dos seus peores males.

O partido evolucionista disse, em qualquer déssas reuniões, do valor pessoal, politico e intelectual dos seus deputados propostos?

Nem a mais leve referencia ao facto; mas em compensação alvejou-se apenas o govêrno, vasando sob os homens que dirigem a sua acção politica um verdadeiro tremedal de injurias e de insultos.

Não queremos discutir neste momento se a acção governativa terá sido absolutamente impecavel; mas do que todavia estâmos em absoluto convencidos é que éla não merece a milionéssima parte dos injuriosos e injustos adjetivos que, numa ancia febril, num paroxismo de loucos furiosos, foram lançados sobre a cabeça do chefe do govêrno e de mais colégas no ministério!

Todavía, será usando o processo servido pelos amigos e partidários da atual situação politica, a maneira unica e aceitavel de se retorquir ao sistêma empregado pela oposição?

Ninguem ousará responder afirmativamente.

Quanto, porém, ocorreu no ultimo comicio realisado no Poço do Bispo acorda-nos outros casos absolutamente identicos nos aureos tempos de Hintzes, de Francos e Lucianos, até com actos selvagens e de força brutamente... policial!

Uma vergonha! Que só depõe, afinal, contra aquéles a quem cabia, pelo seu talento e pela sua situação, colocarse onde o seu nome e os seus serviços lhe marcam logar.

No proximo domingo, anuncia a imprensa um grande comicio oposicionista.

Entre outros oradores apontam-se Machado Santos e o dr. Alfredo de Magalhães.

A situação de qualquer de êstes oradores perante o govêrno e especialmente perante o sr. dr. Afonso Costa, é demasiadamente conhecida.

Podemos, pois, antecipadamente prevêr o que das suas bocas saírá contra o chefe do gabinête reforçado com a argumentação dos outros oradores evolucionistas.

A assistencia empregará como resposta o sistêma uzado em igualdade de circunstancias?

Infelizmente tudo nos leva a crêr que sim.

E o resultado?

Dil-o-ão os jornaes no dia seguinte e não nos enganarêmos afirmando que por mau sestro do nosso temperamento e educação politica, tudo redundará em prejuizo da nação, em descredito da Republica que êssa meia duzia de ambiciosos teima em comprometer com a ancia insufrida de mandar.

Mas não haverá um meio de pôr côbro a tanto desvairamento?

FILMS...

Ainda bem

Depois que apareceu na imprensa o protésto de alguns republicanos contra a publicação dum artigo no jornal *Beira Post*, que não traduz a expressão da verdade de quanto ao que se passa em Portugal, foi tornada conhecida a seguinte nota:

«O conselho de administração da Companhia de Moçambique reuniu no dia 10 em sessão ordinaria, ocupando-se, além de vários assuntos de expediente, de um artigo inserto no jornal *Beira Post*, de 5 de setembro do corrente ano, em que se aprecia a situação politica do país. Entendeu o conselho dever consignar na acta da sua sessão que o referido jornal não é orgão da Companhia de Moçambique, na Beira, nem déla recebe inspiração, não lhe cabendo, portanto, qualquer responsabilidade na publicação do artigo aludido, de que o conselho inteiramente discorda.»

Do mal o menos.

Com cadastro

Num comicio recentemente efectuado no Poço do Bispo, suburbios de Lisboa, pelo partido evolucionista, para derrubar o govêrno, apareceu um orador que a *Republica* diz ter sido muito aplaudido pelos seus correligionarios, o que não contestâmos, mórmente se se confirmarem as notas policiaes onde esse orador se acha inscrito como faquista e gatuno

Se a politica ainda não deixou de ser aquéla *grande porca* que Bordalo Pinheiro lhe chamava...

Ameaças

O *Dia* e outros jornaes que com o ex-consul de Banana fazem côro, andam fulos porque a colonia de Cascaes formada de *talassas* se não retirou á chegada do sr. Presidente da Republica que ali foi veranear e antes assistiu a todas as festas que se realisaram na cidadéla sem se importar com aquilo que os seus predilectos orgãos vinham dizendo para afastar a concorrencia.

Agora o *Dia* ameaça tudo não se esquivando mesmo a tornar público que em ocasião oportuna se farão as contas.

Vê-se que ainda tem uma esperança... Mas pela cabeça dos *funccionarios palatinos*, dos *fidalgos*, dos *titulares* e das *pessoas da côrte*, que ficáram em Cascaes, ficâmos nós...

O rei não voltará!

DECLARAÇÃO

—(*)—

Podendo suceder que alguem, suscétivel de responsabilidade e com idoneidade moral, deseje perfilhar as injurias e calunias, que, segundo despreendo do Mundo *de hoje, me teem sido dirigidas em jornais que não leio pelo senador João de Freitas,—subjugado, desde ha anos, por uma terrivel doença mental, que por vezes o tem obrigado a recolher-se a manicomios ou casas de saude—venho declarar para os devidos efeitos:*

1.º Que nunca tive a menor interferencia, directa ou indirecta, como advogado ou simples cidadão, nos pleitos ou diligencias, judiciais ou extra-judiciais, que respeitam a terrenos de S. Tomé, quer para defender ou acusar os que os hajam usurpado, quer para auxiliar os que teem denunciado, com bôa ou má fé, essas alegadas usurpações.

2.º Que nunca nenhum advogado ou defensor dos usurpadores, ou dos denunciantes, têve comigo, directa ou indirectamente, como cidadão, advogado ou ministro, quaisquer conversações ou combinações, nem mesmo aquélas que pudéssem simultaneamente proteger os legitimos interesses da Fazenda Nacional.

3.º Que, como ministro da Justiça do Govêrno Provisorio, limitei-me a ouvir uma exposição, que, na qualidade de denunciantes de usurpações, entenderam dever fazer-me tres individuos, dos quais eu só conhecia um, e por ter sido seu advogado num processo criminal, cumprindo então, e sem detença ou intervalo, o singelo dever de indicar a esses individuos o ministério competente para receber a denuncia—o das Finanças—e nada mais sabendo, nem dizendo, directa ou indirectamente, a tal respeito; e agora, como presidente do Ministério e ministro das Finanças, tenho empregado todos os esforços, alguns já coroados de exito, e continuarei a empregar incansavelmente, para evitar mais extorsões de bens do Estado, e não só bens imoveis valiosos, como os de S. Tomé, onde ha ainda muito a salvar, mas fóros, censos, pensões, rendas, juros, contribuições e impostos, que todos os dias se estavam lamentavelmente perdendo.

4.º Que, nêstes termos, quem quer que faça sua, ou recolha com aplauso, a nova demonstração do melindroso estado mental do senador João de Freitas, é um caluniador.

Lisboa, 9 de outubro de 1913.

(a) **Afonso Costa**

Ministro da instrução

Com curta demora e de passagem esteve na segunda-feira em Aveiro o sr. dr. Sousa Junior, que no *rapido* das 19 horas seguiu para Lisboa.

Acompanhava-o o nosso colléga da *Montanha*, Bartolomeu Severino.

"O Combate,,

—(*)—

Fez na ultima segunda-feira 10 anos que na Guarda se fundou sob a inteligente direcção do brilhante jornalista José Augusto de Castro, este nosso presado colléga que em prol dos principios liberaes e sociaes se tem afirmado um batalhador de convicções firmes, que nada teme, tal a fé com que caminha para o Ideal cuja conquista a Republica aproximou com a sua proclamação em 5 de Outubro de 1910.

Pelo *Combate* e pelo seu director, apezar de pessoalmente o não conhecermos, temos nós uma grande, uma profunda simpatia porque não só se irmanam as nossas crenças como ainda reconhecemos em José Augusto de Castro faculdades invulgares de escritor que o tornam distinto entre os mais distintos da imprensa portuguêsa.

Por isso lhe queremos vivamente significar nas colunas do *Democrata* o quanto é para nós motivo de jubilo vêl-o tão bem disposto a proseguir na luta contra a reacção e cheio de energia, com a altivez propria de quem se não arreceia de caír no charco onde—com pena o dizemos—tanto republicano se tem emporcalhado para servir as suas incomensuraveis ambições de preferencia aos interesses do país, aos interesses da propria Republica.

Felicitâmos, pois, o *Combate* pelo seu novo aniversário; e cingindo José Augusto de Castro num cordeal abraço de franca solidariedado, pedimos-lhe que aceite, como sincéras, estas palavras dum camarada justiceiro, obscuro correligionário mas admirador de todos quantos sabem ser dignos e pelo caracter se impõem.

REGISTE-SE

No domingo, a *Republica*, orgão do partido evolucionista, ao tornar conhecidas algumas das suas candidaturas nas proximas eleiçõess suplementares explicáva assim a confecção das listas de Lisboa e Porto:

«Na lista de Lisboa entra o nome do sr. dr. Nunes da Ponte e na do Porto, juntamente com o nome do candidato evolucionista, dr. Julio Freire, entram os nomes dos srs. dr. Antonio Luiz Gomes e capitão Artur Jorge Guimarães, em virtude do entendimento estabelecido entre o Partido Republicano Evolucionista e a Liga Republicana do Norte, cujos intuitos e processos politicos se harmonisam inteiramente com os do nosso partido.»

Ora é preciso que os leitores do *Democrata* atentem agora nésta disposição do programa da *Liga Republicana do Norte*, que diz textualmente isto sobre acôrdos:

«A Liga Republicana procurará eleger representantes seus para os corpos electivos do Estado e para as corporações administrativas, para melhor poder exercer a sua acção fiscalisadora nos negocios publicos e municipaes; **mas não lhe será permitido pleitear qualquer eleição de acôrdo com o govêrno ou com qualquer partido politico,** para que os seus delegados possam manter a mais absoluta independencia e liberdade de acção...»

Lêram bem? Repararam? *Não será permitido á Liga pleitear qualquer eleição de acôrdo com o govêrno ou com qualquer partido politico*...

Contudo...

Nada. O que nos parece é que ha republicanos apostados em dar uma triste ideia do seu valor intelectual visto como nem lêr sabem o que para si converteram em regulamento...

A tristêsa que isto causa!

NUM EXAME

O professor:

—O menino diz-me quantos sexos conhece?

—Tres—responde o interrogado muito lampeiro.

—Veja lá—observa o examinador—o menino provavelmente confunde a minha pergunta com o numero das pessoas da santissima Trindade...

—Não confundo não, senhor, redarguiu o examinando. Conheço tres sexos que são *—masculino, feminino* e o *eclesiastico!*

—E póde dar-me um exemplo do sexo... *eclesiastico?*

— O bispo de Beja!...

NAVIO DE PESCA

Vindo dos bancos da Terra Nova entrou ontem a nossa barra o primeiro navio bacalhoeiro com carregamento regular.

Dolôres se chama o barco e pertence á parceria Cunha.

Terceira carta

Carissimo amigo

Já agora, se mais uma vez merecer a inserção nas colunas do *Democrata*, a desconchavada prosa do escrevinhador que pobremente alinhava os periodos que se seguem, muito obsequio será, obsequio que me apresso a agradecer não por o que taes periodos valham, mas pelo fim que traduzem, pelo ensinamento que proporcionam, tanto mais quanto é cérto verem êles a luz da publicidade no jornal que, pela sua firmeza de principios, tenacidade na luta e superioridade de coerencia, tão brilhantemente se impõe á consciencia publica, independente das investidas daquêles que não pódem esconder aos proprios olhos a sua inferioridade absoluta e completa.

Não tenho vaidades nem ilusões.

Por cima da minha cabeça passam profundos e abundantes desenganos, que aumentaram o numero de cabelos brancos que os invernos decorridos distribuiram na minha fronte encanecida. Desilusões exclusivamente minhas? Não. Entre élas conto avultado numero daquélas que provém da maldade dos homens, dos males da sociedade, da impiedade das seitas e dos crimes cometidos em nome de Deus por aquêles que se declaram filhos e defensores da sua justiça e do seu evangelho!

O quarto aniversario que duma déssas atrocidades passou no dia 13 do corrente, incitou-me á temeridade de enviar éstas linhas como o melionessimo protésto contra tamanha infamia que para sempre salpicou de sangue a historia de Espanha e que nos mostrou que em Roma, na cadeira de S. Pedro, se sentam ainda dignos continuadores de Gregorio I que incendiou as ricas bibliotécas de Omar; Gregorio VII que destruiu metade de Roma; Inocencio III que fundou a inquisição; Alexandre III que traíu a liga Lombarda; Bonifacio IX que aniquilou a liberdade municipal de Roma e Pio VI a de Bolonha; Eugenio IV que fez a guerra á liga dos principes italianos contra o estrangeiro; Nicolau V que creou os direitos da casa Habsburgo, sobre a Italia; Alexandre VI que decretou a censura dos livros para não referirem os seus crimes de incesto; Julio II que formou a liga de Cambraia contra Veneza; Clemente VII que destruiu a Republica Florentina; Paulo III que autorisou a constituição dos jesuitas; Pio V que encheu a Europa de fogueiras; Paulo V que tentou contra a existencia de Veneza; Urbano VIII que torturou Galileu; Pio IX, emfim, que declara a guerra para manter o poder temporal que Vitor Manuel com Garibaldi lhes arrancaram das mãos, não deixando, comtudo, o indigno vigário de Deus, de outorgar *a carta católica á civilisação*, pelo seu *Sillab us!*

No dia 13 de outubro de 1909, sob um sol acariciador e belo, manhã deliciosa que a mansidão do oceano mais aformoseava, vedavam os olhos dum martir no fundo dum fosso, com as prevenções com que qualquer celerado executa um assassinio friamente preme ditado e varavam a balas o peito dum homem que propagava em terras de Espanha, com formidavel resonancia por todo o mundo, a escola racional, completa antitese da escola de Roma, da escola do jesuita!

E quando a brisa suave da manhã dessipava as ténues aspiraes do fumo que saía das bocas fraticidas das espingardas, Fran-

cisco Ferrer, a vitima insolada ao rancor do trôno e do altar, jazia inerte no solo emquanto se repercutia nas salas do Vaticano e do Paço, nos gabinetes de Maura e La Cierva e no coração de toda a humanidade o estampido sêco e brutal da descarga homicida!

Para aquêles, o éco dêssa descarga, trazia a satisfação da vil e ignominiosa vingança; os ministros serviam o rei e êste satisfazia o jesuita!

Mas o clamor da humanidade foi grande.

Emquanto a Espanha, pelos seus partidos e homens avançados, se quedava estática e deprimida, além das suas fronteiras a humanidade clamava justiça contra os algozes covardes da liberdade de consciencia!

E êsses clamores, que os miseraveis não podéram assassinar, correram o globo num frémito de dôr e de protésto, dêsta sublime solidariedade humana a que lhe foi impossivel resistir, ocupando as suas cadeiras de ministro, o torvo e sanguinario Maura, que se demitiu, caindo do poder, entre um brado de exterminio e de maldição.

Aproveitadas a realisação de formidaveis desordens, que durante oito dias se desenrolaram em Barcelona, conhecidas e designadas hoje pela *semana tragica*, délas lançaram a responsabilidade sobre Ferrer, *que para élas concorrera pela propaganda das suas ideias espalhadas pela palavra e pelo livro!*

Esse era o pretexto. No fundo, a reacção clerical, enleava na tenebrosa vurdidura do seu plano de aniquilamento, o seu inimigo inconfundivel e implacavel que pelo talento, merecimentos e fortuna —Roma— o jesuita — não podia tragar!

Desde Galileu a Giordano Bruno, quantas hecatombes em nome de Deus?

Era mais um!

Não se podia revestir o acto daquéla tenebrosa escenação que foi o pavor do mundo durante tantos anos!

Era impossivel amarrar Ferrer a um poste tendo por baixo um feixe de palha e queimal-o na presença do rei, da côrte e do clero, entoando salmos, de cruz alçada, com a imagem do que nêla morreu pela justiça e pela humanidade, exclamando com o olhar perdido no infinito:—*perdoae-lhe senhor, que não sabem o que fazem!*

Mas se tal imponencia se não podia dar ao acto e *como todos os meios justificam os fins*—é principio da seita—que importava o cenário?

Suprimir a existencia que Roma negra julgava perigosa, era o preciso; o processo para a sua supressão indiferente.

Mais uma vez, com êste acto, o jesuitismo provou que é uma instituição de politica tenebrosa.

A tenacidade e os seus processos de acção são a prova mais cabal do que afirmâmos.

Politicos do punhal, do veneno, de traição e de intriga; politicos cuja força está no confessionário; politicos adversos absolutamente á liberdade dos povos, são êles o mais forte amparo do absolutismo.

Ainda nenhum déspota deixou de usar oportunamente do poder do clericalismo ultramontano, que é o jesuitismo de hoje.

O trôno, que ampara o jesuitismo, descobre desde logo o seu intuito de estrangular o progresso e o avanço da democracia.

Eles se completam—o trôno e o altar!

Fica mais uma vez escrito na historia da humanidade esta verdade indestrutivel.

Escreveu-a Francisco Ferrer com o seu sangue de inocente e de martir!

Gloria e honra ao seu nome!

Amigo e obrigado

S. J. M.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

SETEMBRO

DIAS	PHARMACIAS
19	BRITO
26	REIS

O caso do medico privativo dos asilos

Uma sentença que em nada modifica o escandalo da nomeação do sr. dr. Lourenço Peixinho

Pois é verdade. Os *pardos* da Vera-Cruz, que tanto folgam com a reparação feita ultimamente ao sr. dr. Lourenço Peixinho, reintegrado por sentença do sr. juiz auditor no logar de medico privativo dos asilos de Aveiro, extinto, por inutil, pela primeira câmara republicana, cá nos tem de novo, impenitentes, a cuspir-lhes na moralidade e na justiça que êles defendem, tão compenetrados estâmos de que com isso ficam desagravados aquêles dos nossos correligionários que, como Alfredo de Lima Castro, nunca faltaram ao cumprimento dos seus deveres quando chamados a administrar o que lhes não pertence só, mas a todo um concelho, ao distrito, como sucéde com ésta questão em que ha interesses comuns a zelar e que ninguem honrado, ninguem digno, póde dizer que não tivéssem isso em atenção os camaristas de 1910 que eliminaram o logar do sr. dr. Peixinho, poupando assim **duzentos e vinte e seis escudos** anuaes, que era quanto s. ex.ª recebia de mão beijada.

Cabe aqui dizer que o dr. Lourenço Peixinho é para nós um dos medicos dêsta cidade que mais consideração nos merece, para que alguem não suponha que lhe temos odio e portanto julgue êstes artigos devidos ao despeito. Não; para êste jornal nunca se trouxéram nem se trazem questões pessoaes. Combate-se, sim, ás claras tudo quanto represente imoralidade, pouca vergonha, injustiças que é êsse o programa que vimos adotando desde a sua fundação. Combatem-se imoralidades, dizemos. E assim é. O proprio sr. dr. Lourenço Peixinho, com consciencia, não póde deixar de concordar que é uma imoralidade crear-se um logar desnecessário com o manifesto intuito de nêle ser provido determinada pessoa para apenas ter o trabalho de assinar o recibo do ordenado. Um *nicho*, sr. dr. Lourenço Peixinho! Um *nicho*, que o proprio sr. juiz auditor reconhece, visto o unico fundamento em que baseou a sua sentença para atender ao recurso que lhe foi presente, ser a de não ter a Comissão Distrital comunicádo á Câmara *a aprovação* por lapso de tempo da deliberação que extinguiu o logar!

Será preciso uma prova mais completa da razão em que se escudáram os administradores do asilo após a proclamação da Republica?

E comtudo dão-se parabens ao sr. dr. Lourenço Peixinho pela *reparação* que recebeu, de envolta com ésta mirabolante frase de que com éla—*folgam a moralidade e a justiça!*

Não ha duvida. Até por causa disso vamos pôr em destaque as administrações monarquicas na parte relativa ao asilo para que o publico avalie o que eram e o caso que se fazia daquêle recolhimento infantil.

Fala a sr.ª D. Ester de Vilhena Torres, ainda parenta de alguns *pardos* da Vera-Cruz, e ao tempo directora da secção feminina do Asilo Escola, no seguinte documento com data de 26 de Outubro de 1910 enviado á Comissão Administrativa Municipal:

Cidadão Presidente da Comissão Republicana de Aveiro

Em cumprimento das instrucções recebidas verbalmente, venho dizer o que no estreito tempo, que posso furtar ás minhas continuadas ocupações, se me oferece ácêrca da origem, organisação, funcionamento e necessidades da secção do Asilo Escola Distrital que tenho a honra de dirigir.

Esta secção, que anteriormente a 1888 existia com o nome de Asilo da Infancia Desvalida José Estevam, só recebia creanças do sexo feminino, e nêsse ano, sendo presidente da Comissão Administrativa o cidadão Manuel Pereira da Cruz, foi creada uma nova secção do sexo masculino que foi inaugurada em 1 de julho.

Estava a êsse tempo já publicado o Regulamento para o serviço dos expostos e menores desvalídos e abandonados aprovado por dec. de 5 de janeiro de 1888, que, no seu art.º 44 obrigou as Juntas Geraes a crearem asilos de arte e oficios para educação dos menores; e foi a Junta Geral do Distrito de Aveiro uma das primeiras que poz em execução o referido artigo dando dêste modo tambem cumprimento ao art.º 54 n.º 4 do Cod. Adm.º de 1886.

Em 1 de abril de 1888 creou a Junta Geral pelo art.º 1.º do Plano de Organisação do serviço de menores expostos, desvalídos e abandonados, o Asilo Escola Distrital onde foram recebidos de aí em deante todos os que, no distrito, careciam de socorro.

A Comissão Administrativa do Asilo Infancia Desvalída José Estevam—reunidos em assembleia geral todos os subscritores do mesmo Asilo, autorisou, em 3 de junho de 1888, que se fizésse a fusão dêle com o Asilo Escola Distrital e propoz que á secção feminina fosse conservado o nome do insigne aveirense José Estevam, e que á masculina fosse dado o de Barbosa de Magalhães, o que foi aceite pela Junta Geral resolvendo-se a fusão, como autorisava o art.º 18 do Plano referido.

José Dias Ferreira, por dec. de 6 de agosto de 1892, extinguiu as Juntas Geraes, englobou as suas receitas nas do Estado e entregou a administração do Asilo Escola á Câmara Municipal, subsidiando-a convenientemente.

Pelo Plano de organisação a que já me referi e que vem publicado no Relatorio da Comissão Distrital de Aveiro de 1888, era formado o pessoal dêsta secção por uma directora, uma professora e uma ajudante da directora, além das serventes reclamadas pelos serviços que os menores não podéssem prestar.

Este pessoal conservou-se sem alteração até ao ano de 1893 em que a professora D. Hedeviges Moraes e Costa pediu a sua exoneração não sendo substituida pela Câmara apesar das repetidas instancias para que o fosse, ficando desde então as suas obrigações a meu cargo e da cidadã ajudante até que no ano corrente foi o logar posto a concurso com autorisação do govêrno, sendo provido nêle a professora D. Palmira de Moraes Sarmento por haver reconhecido a Câmara que tal provimento era necessário para o bom funcionamento dos serviços dêsta secção.

Os serviços tem sido, ultimamente, distribuidos do seguinte modo: a meu cargo, com auxilio da cidadã ajudante, tem estado o trabalho de costura, córte, lavôres, etc., pertencendo-me exclusivamente toda a administração e gerencia interna bem como toda a direcção da Créche e da escrituração; á cidadã professora incumbe o ensino primário nos termos do respectivo regulamento em vigôr

No regulamento interno do Asilo Escola Distrital aprovado pela Junta Geral em sessão de 9 de agosto de 1889 estão taxativamente indicadas as obrigações de cada empregada.

E', portanto, o Asilo Escola um estabelecimento distrital que ha 18 anos é administrado pela Câmara Municipal, mas sustentado pelo distrito que para êle paga percentagens especiaes, **que se tivéssem sido rigorosa e inteiramente aplicadas nêle e escrupulosamente aproveitadas** o poderiam ter elevado a um grau de prosperidade digna do elevado fim a que se destina e proveitosa para a vasta região que o sustenta.

Socorrer os menores expostos, desvalídos e abandonados, diz a lei que é o seu destino, **mas quantos dêle teem recebido franco e largo acolhimento sem o necessitarem** principalmente depois de 1892 em que quasi se tornou concelhio, e quantos teem ficado por êsse distrito além **entregues á miseria tendo incontestavel direito de receber o seu agasalho?**

Mas não me cabe a mim fazer a apreciação de taes factos dos quaes, só casualmente, algum poderá ter chegado ao meu conhecimento visto que os directores nenhuma interferencia teem na administração dos internados que **muitas vezes o tem sido pela simples apresentação dum bilhete,** ignorando-se quasi a sua proveniencia.

Até **doidas** aqui teem sido internadas e mantidas apesar das minhas reclamações, **achando-se aqui uma ha 26 anos!**

As más condições do edificio em que a secção se acha instalada são sobejamente conhecidas para que me demore muito a expol-as.

A sala da aula é acanhada, sem luz apropriada, nem ventilação, insuficientissima, em suma, para as populações escolares que por vezes tem recolhido!

Tem um compartimento *apenas*, sendo impossivel reparar as classes e a aula de lavôres.

Os *dormitorios* teem tambem ventilação *defeituosa* e pouca cubagem apesar de relativamente modernos.

O *refeitório está mal localisado, é humido, triste e de má aparencia.*

Não ha arrecadação para roupas e generos que mereçam êsse nome; os quartos do pessoal e em geral todas as dependencias do edificio, os lavatórios, casa para banhos e incluso os dejectinos são tão acanhados, mal dispostos e pobres em todos os seus detalhes que, *dificilmente* se acredita, entrando nélas, que se está em um estabelecimento de tal natureza e largamente subsidiado pelo distrito!

O edificio está fendido em várias partes, *cheios de tortulho* alguns soalhos, vergando ao pêso de quem os calca, e *vergonhosamente* carunchosos, esburacados e remendados a maioria dêles, sendo dificil *conserval-os com o aceio* que em taes estabelecimentos se requer, principalmente de inverno, que muito custam a enxugar. *As paredes não vêem cal ha muitos anos* com o pretexto de que em bréve seria a secção instalada no edificio novo!

O unico compartimento sofrivel é a cosinha, que foi construida em 1896.

A mobilia está perfeitamente em harmonia com a casa, exceção feita das poucas carteiras da sala da aula e de algumas camas do dormitório novo.

Faltam alguns moveis melhores, que agora adornam alguns compartimentos pertencentes á *Créche Edmundo Machado.*

As roupas são insuficientes; as louças, quasi todas compradas ha 18 anos, reclamam refórma, porque sendo quasi todas de ferro esmaltado, estão prestes o romper-se por falta de esmalte, e se não fosse o cuidado com que teem sido tratadas, ha muito que teriam desaparecido.

Do exposto, que é notado pelo mais superficial exame dos que visitem a casa, se reconhece que ésta secção se encontra em notaveis condições de inferioridade: primeiro, por falta de edificio proprio, *higienico* e apropriado aos diversos fins; segundo, porque o material e utensilios necessários ao seu bom funcionamento são *escassos* e, o que ha, de má escolha.

Sem ir mais longe, veja-se a pobrêsa do material escolar!

Não ha mapas, nem quadros parietaes, caratéres moveis para o ensino da primeira classe, modêlos geométricos e de sistema metrico, exemplares zoologicos, botanicos e mineralogicos, etc., etc., que hoje se encontram na mais modêsta escola!

O asilo, sob a administração municipal, **não tem prosperado** e se o compararmos com os estabelecimentos congeneres **reconhece-se, sem o menor esforço, o seu grande atrazo e desprêso a que tem sido votado!**

As causas são bem conhecidas, e que o não fossem, não era a mim que cabia denunciál-as.

E deve notar-se que as *más condições em que presentemente* se encontra esta secção **com uma população reduzida,** se agraváram extraordináriamente, quando éla foi, como por várias vezes sucedeu, de mais de 65 internadas.

Chegaram a dormir quasi todas a duas em cada cama sem espaço para descançarem e sem ar para respirarem, ficando nós impossibilitadas de exercer sobre élas uma rigorosa fiscalisação moral e higienica!

. . . .

No entretanto dava-se anualmente a um medico, que nada via disto, **226 escudos!**

Mas proseguiremos, que não nos faltam elementos para demonstrar que com a sentença do sr. juiz anditor apenas podiam folgar a moralidade e a justiça se éla nos capacitasse de que o logar creado para anichar o sr. dr. Lourenço Peixinho era realmente necessário, absolutamente indispensavel.

A BOA DOUTRINA

Segundo declarações de pessoas altamente cotadas nos dois grupos politicos, *democratico* e *unionista*, as eleições anunciadas para o mez de novembro dévem assinalar-se por uma correcção tal, que só adversários desleais as poderão desvirtuar, desvirtuando ao mesmo tempo as intenções dos que se acham empenhados em mostrar a todo o país a base moral em que se funda o regimen republicano.

Assim, o secretário do Directorio interrogado por um redactor do *Seculo* sobre a atitude do velho Partido Republicano Português perante a urna, exclama:

«Nós prefeririamos mesmo não ser eleito qualquer dos nossos candidatos a que o fôsse por efeito de qualquer veniága eleitoral. De resto, o partido republicano português tem as suas forças devidamente organisadas por todo o país e não necessita de viciações para demonstrar o seu valor eleitoral nos vários circulos.»

Por sua vez o sr. Brito Camacho, que é chefe da *União Republicana*, escreve na *Lucta* estes periodos:

«A união republicana concorre ás urnas e sem o seu protésto não se praticará o minimo delito eleitoral, a mais pequena irregularidade que vise a iludir propositadamente o voto do eleitorado. Achamos excelente que os partidos se disputem o favor da opinião, cada qual servindo-se de quantos meios honestos encontrar ao seu alcance para ter vantagens sobre os outros. Mas é necessário que o poder executivo não saia da esféra que lhe marca a Constituição, para amoldar a lei a conveniencias partidarias, pondo a autoridade ao serviço das facções.»

. . . .

«As tranquibernias eleitoraes impedem que os partidos tomem exato conhecimento das suas forças e caiam em ilusões perigosas —além de que prostituem uma instituição que deve ser sagrada e que é, por assim dizêr, a base moral de um regimen autenticamente republicano. Póde a luta eleitoral ser apaixonada que os seus sucessos terão facil desculpa, se não resvalarem ao terreno das vulgares patifarias. Todos nos devemos empenhar em que assim não suceda, não apenas por amor da Republica, mas tambem, se é licito fazer as distinções, por amor do país. A conduta da união republicana, tambem estamos disso absolutamente seguros, hade ser correta; o que é indispensavel é que o seja egualmente a dos outros partidos.»

Vêr-se-ha. Nós estâmos com os principios que sempre aqui defendemos e que se traduzem por uma ampla liberdade de voto sem coacção nem pressões de qualquer espécie.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Esmagando a calúnia

Ainda sobre o assunto que determinou a vinda á imprensa do chefe do govêrno publicando a declaração que noutro logar dêste jornal inserimos tambem hoje, dirigiu o sr. João Mouzaco Alçada ao diário de Lisboa *A Patria* uma carta esclarecedora de alguns factos atribuidos ao sr. dr. Afonso Costa pelos seus inimigos e que de cérto modo nos faz avaliar até onde chega a falta de escrupulos que preside a toda éssa baixa campanha de odios contra um homem que é, incontestavelmente, uma gloria nacional.

Para éssa carta, á volta da qual se não podia fazer maior silencio porque sobre éla é impossivel, aos caluniadores, tirárem conclusões pouco dignas para aquêle que intentam maldosamente atingir, chamâmos a atenção de todos os leitores do *Democrata*, de todos os honestos, que são, afinal, os que hão-de restabelecer a confiança de que se pretende desapossar o chefe do govêrno quando o país e a Republica dêle estão recebendo os maiores beneficios representados não só pelo equilibrio financeiro do Estado, mas ainda por outras medidas de incontestavel alcance para as prosperidades da nação, como é, por exemplo, a lei sobre as ordens religiosas a que Afonso Costa tem ligado o seu nome e que atravez de tudo ha necessidade de manter muito embora para isso se tenha de organisar uma nova revolução.

Mas fale o sr. João Alçada, que veio a tempo de pôr as coisas no seu devido pé:

«Sr. director do jornal *A Patria*—Peço o favor da publicação do esclarecimento que junto, a proposito da referencia feita pelo senador sr. João de Freitas, no seu depoimento sobre o *caso de S. Tomé*, a uma questão em que minha mãe foi parte.

Por êle fica demonstrada não só a fórma como interveio o sr. dr. Afonso Costa néssa questão como a razão da publicação da portaria de 14 de agosto de 1911, que esclarecia o disposto no art. 7.º do decreto de 26 de maio do mesmo ano.

E, como aquêle senhor, cautelosamente, deixou que as arguições se fôssem tidas por verdadeiras—*depois de provadas*—ajuize-se, pela veracidade dêsta, a de todas as outras.

Compéte-me a mim fazer êste esclarecimento por conhecer com exatidão o assunto e pela autoridade que todos os actos da minha vida me dão, nomeadamente, nas minhas relações com a casa Alçada & Filho ou Alçada & Filho, Sucessor; tendo, ao dispôr de quem deseje vêl-as, as mais evidentes provas do que afirmo.

Agradecido sou

D. v., etc.,

Lisboa, 10 de outubro de 1913.

João Mouzaco Alçada

Pretendeu o Banco da Covilhã, ao serviço dumas determinadas criaturas, desapossar violentamente minha mãe da sua fabrica, a despeito das mais sérias propostas de entendimento para uma liquidação.

O correligionario do sr. João de Freitas—ha pouco homenageado com a colocação do seu retrato no Centro Evolucionista de Coimbra—o sr. Cassiano Augusto Martins Ribeiro, relacionado de ha muitos anos com a casa de meu pae, tomou a sua defêsa, vendo a injustiça que se premeditava.

Avaliem-se as monstruosidades juridicas pelos despachos, que obtinham de juizes substitutos, apensando uma execução com penhoras registadas a outra posterior e injustificada! Etc., etc,

Encontravam-se a êsse tempo no Sanatorio de Manteigas, os srs. dr. Afonso Costa e Cassiano Ribeiro, quando êste, na defêsa que se tinha imposto, referiu os atropelos da justiça.

Interveiu, então, o sr. dr. Afonso Costa, como amigo, sem outra recompensa que não seja o preito da dedicação de toda a familia, fazendo, apenas, uma contra-minuta.

Essa questão terminou, provando-se a justiça de minha mãe, por um acordo moldado nas primitivas propostas de todo o ponto sérias.

No decurso déssa questão o Banco da Covilhã julgou aproveitar-lhe o disposto no artigo 7.º do decreto de 26 de maio de 1911, assinado pelo sr. dr. Bernardino Machado, quando substituia o sr. dr. Afonso Costa no ministério da Justiça, e requereu a arrematação dos bens antes de julgados os incidentes, que haviam suspendido o andamento da execução.

Evidentemente que a disposição daquêle artigo nunca poderia aplicar-se a execuções hipotecarias, em que o contra-senso da sua aplicação originaría actos irreparaveis, o que consistiria, nêste caso, em vender ao desbarato o que custou cerca de 300 contos.

Foi então apresentado no ministério da Justiça o pedido para, em portaría, ser dado o esclarecimento como interpretação devida daquêle artigo; mas, ao ser apresentado, existiam já aí outras reclamações no mesmo sentido, e entre élas uma da comarca de Vila Nova de Famalicão, e o proprio juiz da comarca da Covilhã hesitava sobre a razão de ser do requerimento do Banco.

Temos, portanto:

1.º Que o sr. dr. Afonso Costa interveiu néssa questão pelo reconhecimento da justiça que assistia á parte, e egualmento defendida por todos que conheciam a verdade e muito especialmente pelo sr. Cassiano Ribeiro, que instantemente lhe solicitou aquéla contra-minuta.

2.º Que déssa intervenção não advieram para o sr. dr. Afonso Costa proventos e por éla só tem o reconhecimento duma familia tão amigamente defendida.

3.º Que, não expressamente para êste caso, mas para outros identicos, em que tinha sido anteriormente solicitado o esclarecimento do art. 7.º daquêle decreto, foi publicada a portaría de 14 de agosto de 1911.

Lisboa, 10 de outubro de 1913.

João Mouzaco Alçada

Assalto ás capoeiras

—(*)—

Pelo visto tornámos aos tempos em que nenhuma galinha póde ficar no poleiro com a certêsa de lá se ir encontrar no dia seguinte. E' que a gatunagem voltou a fazer das suas e não tendo respeito nenhum pelo que é dos outros, leva a sua audácia até ao ponto de nada temer, como sucedeu uma noite déstas em que assaltou o quintal do sr. Joaquim Antonio Ferreira e depois o do sr. dr. Casimiro Barreto Sachetti, de quem aquêle é procurador, levando-lhe o melhor de 21 cabeças! Mas não pára aqui a audácia dos gatunos. Na mesma noite e quasi na mesma ocasião entraram no estabelecimento do sr. Antonio Branco, que confina, pelas trazeiras, com o quintal do sr. Joaquim Ferreira e como lá não houvésse galinhas levaram-lhe *só* 3$00 que encontraram na gavêta e algum tabaco, pondo-se em seguida *na pirêsa* sem que fossem persentidos.

Está em campo agora a policia. E como elementos de sobra possue já, pela descoberta de parte do roubo feito ao sr. Joaquim Ferreira, para averiguar das responsabilidades que cabem a cértos figurões aí apontados como os verdadeiros gatunos, résta que não deixe perder a ocasião de os agarrar a vêr se as pobres aves pódem ter um momento mais de descanço... noturno...

Ultramar

—=(*)=—

Aos nossos presados assinantes da Africa, Brazil, Congo, etc., a quem pelo correio nos dirigimos enviando-lhes nota dos seus débitos, roga a administração do *Democrata* a finêsa de os mandarem satisfazer pela via que melhor lhes convier cérta, como está, de que todos assim procederão atenta a sua comprovada honestidade.

E aceitem por isso o nosso antecipado reconhecimento

PELA INSTRUÇÃO

Abertura de novas escolas

EM NOGUEIRA DO CRAVO E VALEGA

A obra de tres benemeritos do nosso distrito para quem vão os louvores que merecem

Depois da inauguração do grandioso edificio escolar doádo ao Estado por um filho benemerito de Macieira de Cambra nos principios dêste ano, temos já hoje a registar outros que em identicas condições fôram oferecidos ao govêrno e cuja abertura soléne se fez domingo e segunda-feira com a presença do sr. dr. Souza Junior, ministro de instrução.

Não temos espaço nem tão poucos nos abundam dados para aqui traçarmos o perfil dos tres cidadãos que tanto se destácam por actos de benemerencia praticados nas terras da sua naturalidade e com reflexão em todo o país; entretanto é do nosso dever arquivar os seus nomes nas colunas dêste jornal, que sendo da capital do distrito não póde nem déve esquecer os que o honram com verdadeiros exemplos de altruismo tornando-se dignos do reconhecimento da Republica pelo seu devotado amor á instrução.

Que os tres benemeritos, pois, Manuel Pereira Godinho, de Nogueira do Cravo, José de Oliveira Lopes e Manuel José de Oliveira Lopes, de Válega, concelho de Ovar, recebam o justo preito de homenagem a que têm direito pelo extraordinário beneficio prestado aos analfabétos proporcionando-lhes o necessário para se tornarem uteis a si e á Patria.

* * *

Algumas notas tiradas do nosso coléga *A Montanha*, do Porto, sobre a imponencia de que foi revestida a festa da inauguração das escolas:

EM NOGUEIRA DO CRAVO

Domingo foi o dia marcado para a inauguração do magnifico edificio escolar em Nogueira do Cravo, no concelho de Oliveira de Azemeis. No proposito de a êsse acto comparecer, veio da capital o ilustre ministro da instrução, sr. dr. Sousa Junior.

Em Espinho, onde desembarcou minutos depois das 7 horas, aguardavam-no professores, o inspector do circulo da Feira, sr. Madeira Marques e outras pessoas.

Pouco depois o ministro tomava, juntamente com o distinto inspector do circulo de Oliveira de Azemeis, sr. José Vidal, os srs. dr. Crispim Borges da Costa, dr. João Batista da Silva, Bartolomeu Severino e o seu secretário, o nosso presado amigo, sr. Dagoberto Guedes, a linha do Vale do Vouga, até S. João da Madeira.

Foguetes numerosos, esterpitosamente rebentando no ar fino da manhã e os acordes da *Portugueza*, executada por uma filarmonica, saudam a chegada ao populoso e rico centro fabril, do representante do govêrno. Alarga-se na *gare* e pelos cáis densa multidão que, avistando o ilustre ministro da instrução, o aclama, aclamando tambem, com entusiastico vigor, a Republica e o dr. Afonso Costa.

Um grande cortejo se fórma e indireita á escola paroquial do povoado, que o sr. dr. Sousa Junior visita. Sucedem-se as ovações e, de continuo, estoiram os morteiros.

Este povo ama a Republica, está com éla, sem restrições.

A nota encantadora dão-na as creanças, com o vozear alacre e a alegria transbordante de todo o seu sêr.

A despedida é feita ainda entre saudações vibrantes. O ministro sóbe para o automovel que o conduz a Nogueira do Cravo e á pitoresca aldeia o transporta em curto tempo.

O povo da freguezia aguarda-o á entrada da povoação, enquadrando duas longas filas de creanças, que empunham bandeiras nacionais. Rebentam novamente os foguetes e uma banda executa a *Portugueza*, respeitosamente escutada de cabeça descoberta.

Adeantam-se a cumprimentar o ministro o doador do edificio escolar de Nogueira, sr. Manuel Pereira Godinho, o administrador de Oliveira de Azemeis, sr. Fernão Lencastre e muitas outras importantes personalidades da região.

Após estas saudações, realisou-se na residencia do sr. Pereira Godinho, abastado proprietario e generoso beneficiador da sua terra natal, o almoço oferecido ao ilustre titular da pasta da instrução. Durante esta refeição festiva, apareceram na sala os nossos amigos, srs. major Fernando Macêdo, deputado, Manuel e Guilhermino Lelo e dr. Jaime de Almeida, expressamente vindos do Porto para assistirem á inauguração do magnifico edificio escolar.

Uma sessão soléne

Numa ampla clareira, circundada de pinheirais e campos de semeadura, alevanta-se risonho o edificio ao Estado oferecido pela benemerencia do sr. Manuel Pereira Godinho. E' uma construção moderna e cara, dotada de salas vastas e repartida de maneira a poder servir a aulas do sexo masculino e feminino. A luz entra á franca por largas janélas; os tectos são altos; todo o conjuncto alegre e risonho.

O povo comprime-se no terreiro fronteiriço e enche a escola, onde vai efectuar-se a soléne sessão inaugural.

Ao entrar o ministro ha palmas e vivas, ha flôres arremessadas por lindas raparigas e pequeninas mãos de creanças.

E a celebração, que em seguida se desenrola, representa sobretudo o louvor ao bom gesto de Manuel Pereira Godinho e a propaganda do ensino, como instrumento de valorisação dos portuguezes para utilidade propria e fortuna da colectividade.

Convidado pelo nosso amigo, o inspector sr. José Vidal, assume a presidencia o sr. ministro da instrução, que escolhe para secretários os srs. Manuel Pereira Godinho e deputado Fernando Macêdo.

Entre aclamações são descerrados os retratos do sr. Presidente da Republica, da saudosa D. Maria Godinho e do sr. Manuel Pereira Godinho.

Lê em seguida o notario a escritura de doação do edificio ao Estado Português, que o sr. ministro da instrução assina, pronunciando palavras de reconhecimento ao benemerito amigo da instrução, a quem entrega, encerrada numa rica pasta carmezim, a copia da portaria de louvor, já inserta no *Diario do Govêrno*.

Falam depois os srs. major Macêdo, dr. Jaime de Almeida, Bartolomeu Severino, João da Silva Castro, Dagoberto Guedes, dr. Martins Pacheco, dr. José Lopes de Oliveira, dr. Crispim Borges de Castro e Alberto Rezende, em nome da comissão organisadora das festas celebrativas da inauguração do edificio escolar.

A todos os oradores escuta a crescida assistencia com atenção e a todos dispensa aplauso.

Na secção feminina procede-se depois ao descerramento dos mesmos retratos, discursando o sr. Amorim Marques e recitando versos os alunos Carlos Gomes, Rosa Fernandes Guimarães, Etelvina da Costa e Silva e Ana da Costa.

Encerra o ministro a sessão, saudando mais uma vez, em nome do sr. Presidente da Republica, do govêrno e em seu proprio nome, o honrado filho do povo que tão patrioticamente auxilia a obra da difusão do ensino primário.

Sendo servida ao termo da sessão uma taça de champagne, trocam-se brindes calorosos.

Ao fim da tarde, entre aclamações do povo, o ministro segue em automovel para Ovar, hospedando-se na residencia do inspector, sr. José Vidal, um dos mais distintos funccionarios e dos mais fervorosos apostolos da instrução a cuja tenacidade se deve no seu circulo uma soma de ofertas particulares para escolas, computada em 65 contos.

A' meza de jantar reunem-se, além da dona da casa, sr.ª D. Sofia Vidal, senhora de inexcedivel gentileza, o sr. dr. Souza Junior, dr. Pedro Chaves, presidente da Câmara, dr. Alberto Tavares, administrador do concelho, dr. José Antonio de Almeidn, conservador da comarca, dr. Lopes Fidalgo, dr. João Batista da Silva, Dagoberto Guedes e Bartolomeu Severino. Foi uma festa intima e cheia de cordealidade.

EM VALEGA

Dois ilustres benemeritos da instrução: os irmãos Oliveira Lopes

Na manhã de segunda-feira o ilustre ministro da instrução dirigiu-se a Valega. A povoação inteira ajuntava-se em face á escola, engalanada de bandeiras e colgaduras. Estoiram girandolas e ergue-se no ar o canto da *Portugueza*, entoado por uma banda de musica.

O edificio escolar é um autentico palacio de magestosa frontaria. Penetrando adentro dêle, alegram-se os olhos e sente-se o espirito contente. E' a escola moderna, aceada, luxuosa, de soalhos meticulosamente limpos, sem uma sombra de poeira, de paredes alvas, sem um borrão, nem a garatuja infantil de um lapis. O mobiliario de mogno, lustroso de verniz, comodo e bonito. A luz e o ar entram a flux, inundam toda a casa Pelas janélas rasgadas e altas avista-se em redor o jardim florido de grandes dálias catus.

Que grata e consoladora impressão nos deu esta escola, obra do civismo e da generosidade de dois raros portuguêses e republicanos, os irmãos srs. José e Manuel de Oliveira Lopes!

E' bem justa a fortuna em mãos de quem assim, tão bela e inteligentemente a sabe distribuir em beneficio do seu país!

São distribuidos os Lusiadas e atlas aos alunos

Um dos vastos salões povoa-se de multidão, em meio da qual se destaca o vivo monte das creanças: — 220 rapazes, 120 raparigas.

O ilustre ministro da instrução assume a presidencia, tendo como secretários os srs. dr. José Lopes de Oliveira, dr. Pedro Chaves, dr. Alberto Tavares e José Vidal.

Sucedem-se discursos dos srs. Dagoberto Guedes, dr. Pedro Chaves e Bartolomeu Severino.

Um côro de creanças se eleva, entoando canções. O pequeno Sousa Lami saúda o ministro e o sr. Oliveira Lopes.

Recita ainda versos a pequenita Maria Amelia Pereira de Mendonça. Diz tambem versos em inglês e francês o simpatico menino Armando Oliveira Lopes, filho de um dos doadores da escola e aluno do Colégio da Boavista.

Distribue em seguida o ministro premios a todos os alunos que na passada época fizeram exame. Consistem esses premios em exemplares dos *Luziadas* e atlas geograficas.

O ilustre ministro da instrução encerra depois aquéla festa, manifestando a profunda e agradavel impressão colhida e tendo para os irmãos Oliveira Lopes as mais entusiasticas saudações, saudações que lhes apresenta tambem em nome do sr. Presidente da Republica e do Govêrno.

Escola Movel Presidente Arriaga

Quizéram os benemeritos ofertadores do esplendido edificio escolar, que desde vesperas da implantação da Republica está prestando assinalados serviços ao ensino, afirmar num novo acto o seu alto e inteligente patriotismo. E fizéram-no oferecendo ao ministro 500 escudos para uma escola movel, que funcionará em Valega dentro em breves dias e terá o nome de *Escola Movel Presidente Arriaga*.

*

Na residencia dos srs. Oliveira Lopes foi oferecido um almoço ao sr. dr. Sousa Junior, assistindo tambem os srs. presidente da câmara e administrador de Ovar, inspector José Vidal e outras pessoas que acompanhavam o ministro.

No pateo da casa, sob a sombra de uma ramada, estendia-se o lunch oferecido a todas as 300 e tantas creanças das escolas, pelos ilustres e generosos benemeritos da instrução popular. Os petizes devoraram, contentes, ao som da musica, as iguarias que lhe serviram, terminando a refeição com um grande baile encantador de graça, de jovialidade e de risos.

O ministro desceu ao meio dêste pequeno povo, a contemplal-o e a afagar algumas das vivas cabecitas do bando prometedor.

Ao fim do almoço, trocaram-se brindes e saudou-se, com fervor, a grande figura de estadista e cidadão, que é o dr. Afonso Costa.

E assim terminou em Valega a admiravel celebração escolar.

EM OVAR

Aclama-se a Republica e o govêrno

De regresso a Ovar visita o ministro o Colégio Julio Diniz, sendo recebido com flôres pelas educandas.

Na Câmara, uma multidão compacta se aglomera, por convite do ilustre presidente da vereação, sr. dr. Pedro Chaves, para receber o sr. dr. Sousa Junior. Quando s. ex.ª se apeia do automovel rebentam foguetes, uma banda toca a *Portugueza* e irrompem aclamações ao seu nome, ao Presidente da Republica, ao govêrno e ao dr. Afonso Costa.

Na sala das sessões, literalmente cheia, o sr. dr. Pedro Chaves apresenta comprimentos ao ministro e tem para o inspector José Vidal, como funccionário modelar, palavras de grande, mas justo louvor.

O sr. José Vidal, em nome dos professores do circulo de Ovar, saúda o sr. dr. Souza Junior.

O ilustre ministro da instrução agradece á Câmara, ao povo e aos representantes do exercito presentes a acolhida que lhe prestam, salientando depois a magnifica opinião que fórma do inspector do circulo e do seu devotamento aos assuntos da difusão do ensino.

Saúda por ultimo os benemeritos da escola e remata: Façam a Republica grande; só éla dará triunfantes destinos a este país.

Em seguida é servida uma taça de champagne, erguendo-se brindes ao sr. dr. Afonso Costa, á Patria e ao exercito. Corresponde a este brinde o sr. major comandante do batalhão aquartelado em Ovar, afirmando que as forças militares sempre defenderão a Patria e, defendendo-a, defenderão a Republica.

O ministro retira então, em direitura á *gare* do caminho de ferro, repetindo-se as aclamações á sua saída.

PELA IMPRENSA

Com o titulo *A Mealhada* começou a publicar-se nésta localidade do nosso distrito um semanário evolucionista que tem por director o sr. dr. Alvaro Machado.

No Porto saíu em 5 do corrente o primeiro numero da *Voz da Mocidade*, quinzenário republicano radical e orgão dos estudantes filiados no velho partido da revolução.

Nésta cidade de Aveiro, *O Proletário*, folha quinzenal, que vem para defender os interesses da classe.

Daqui saudâmos os tres novos colégas.

— *A Alvorada*, de Guimarães, e o *Concelho de Estarreja*, entraram, respectivamente, no quarto e décimo terceiro anos de publicação, pelo que os vimos felicitar.

O semanário vimaranense *A Alvorada* é um jornal que nos tem dado cativantes provas de solidariedade motivo porque tambem o queremos distinguir, em especial, enviando-lhe afectuosos cumprimentos de cordeal estima.

NOTAS DA CARTEIRA

Regressou com sua familia da praia do Farol, o sr. Manuel Marques da Silva.

= Partiu para Lisboa a sr.ª D. Maria Pereira e Silva, viuva do malogrado capitão da marinha mercante, ha pouco falecido, João dos Santos Silva.

= Esteve em Aveiro o sr. João de Moraes Machado, nosso conterraneo e amigo.

= Tambem aqui vimos os srs. João Maria Henriques, de Veiros; Joaquim de Matos, do Pinheiro; dr. Eduardo Moura, de Eixo; João Joaquim Marques, da Oliveirinha; Manuel Silvestre e esposa, de Nariz; Luiz Pinto de Miranda, dr. Eugenio Couceiro e esposa, da Mealhada; Albino Pinto de Miranda, da Palhaça e Manuel Rodrigues Lourenço, do Paço.

= A' sua casa désta cidade chegou do Minho com sua esposa e filhos o sr. Manuel Marques da Cunha.

= Vinda do Porto, onde vive com seu marido, encontra-se de visita ás pessoas de familia que aqui tem, a nossa gentil patricia Augusta Freire.

= A passarem o resto do mez de Outubro partiram para a praia da Torreira os srs. João Simões Duarte e José Rodrigues Pardinha, de Cacia.

= Regressou a Aveiro com sua esposa, o digno professor do liceu dr. Eduardo Silva.

= Depois de ter passado uma temporada na Costa Nova regressou a Vieira do Minho onde é escrivão-notario, o nosso amigo, sr. Antonio dos Santos Victor.

Comunicados

AO COMERCIO E AO PUBLICO

Tendo-me sido mostrados alguns jornais em que ultimamente o senhor Virgilio Ratola, negociante de Mamodeiro e seu irmão senhor Alberto Souto fazem declarações ácêrca de letras de que afirmam ser portador meu marido Joaquim da Rocha, venho por este meio tornar público que o dito meu marido tem estado e ainda se encontra gravissimamente enfermo e impossibilitado de tomar conhecimento da campanha dos senhores Ratola e irmão.

E' essa a unica rasão porque a visado não dá a resposta por agora ás acusações feitas contra quem os senhores Virgilio e Alberto Souto sabem muito bem não poder defender-se por estar entre a vida e a morte.

A seu tempo, porém, se a Providencia permitir, Joaquim da Rocha dirá da sua justiça e procederá de encontro aos expedientes adotados por quem se constitue devedor e firma documentos com a sua assinatura de comerciante que pretende fazer bom nome e passar por honrado, desejando fugir por fórma tão original e estranha ás responsabilidades que, como confessa o senhor Virgilio Ratola, assumiu nas letras a cujo pagamento quer fugir depois de ser notório que o crédor está desenganado pela medicina.

Quintans, 11 de outubro de 1913.

Ana de Jesus Rocha

CORRESPONDENCIAS

Cacia, 10

Foi ruidosamente festejado na freguezia, mórmente pelos republicanos da Quintã do Loureiro, o 3.º aniversário da proclamação da Republica. Durante todo o dia 5, estalou muito fogo do ar, arvorando-se nas casas dos republicanos historicos, bandeiras nacionais.

= Ha dias, que se acha fundeada no Serradinho da Quintã, a lancha automovel dos nossos amigos e correligionarios Manuel e Jaime Dias Ferreira, que por motivo da cheia proveniente das ultimas chuvadas, pôde subir o rio até áquéla localidade. Tivémos o prazer de dar no dia 10, em companhia daquêles nossos amigos, e sua familia, um passeio pelo rio, até Agueda.

Foi uma digressão encantadora, não só pela belêsa da paisagem que se disfrutou, o que serviu para assunto de várias fotografias, como tambem pela alegria e harmonia, que sempre reinou a bórdo. Foi a primeira vez, creio eu, que um barco a gazolina subiu o rio até Agueda.

O percurso da Quintã do Loureiro áquéla vila, efectuado sempre contra a corrente, fez-se em 2 horas e 50 minutos.

A volta, já feita a favôr da corrente, efectuou-se em uma hora e 45 minutos. No passeio que aquêles nossos amigos déram á Torreira gastaram, desde a Quintã áquéla praia, 1 hora e 20 minutos, navegando contra a maré, na ria.

Da Torreira á Costa Nova, 2 horas certas, e da Costa a Aveiro, 50 minutos.

A' volta, a montante da ponte de ferro, do Vouga, apezar de todas as precauções, o barco roçou numa estaca submersa, das que os madeireiros abusiva e traiçoeiramente, colocam no rio de lés a lés, como que constituindo barreiras para apanhar os tóros que, desgarrádos, veem rio abaixo ao sabôr da corrente.

Resultou daqui ficar uma das pás da *élice* trocida, não funcionando o manipulo do fogo do *reversivel*.

Chamâmos, para este facto, a atenção do digno capitão do porto, certos de que s. ex.ª porá côbro a estes abusos, que põem em constante risco a navegação do Vouga.

A vinda de uma lancha dos marinheiros á Sarrazóla e Cacia, de vez em quando, muito contribuiria para pôr termo a estes desmandos inqualificaveis.

Aqui deixâmos feito o pedido a s. ex.ª.

C.

Alquerubim, 14

Faleceu nésta freguezia o sr. José Carvalho Miranda, rapaz muito instruido e estimado por todos que o connheciam.

O seu funeral foi um dos melhores que se têm feito nésta freguezia. Assistiu a musica de S. João de Loure.

= Tambem faleceu em Benguela o sr. Francisco de Sousa e Castro.

A's duas familias enlutadas enviâmos os nossos pêsames.

= Estão concluidas as vindimas, e os lavradores tratam agora da colheita do milho do campo.

= Tem melhorado o sr. dr. José Pereira Lemos, o que, do coração, estimâmos.

= Egualmente desejâmos rapido restabelecimento ao filho do nosso amigo Manuel Rodrigues de Rezende, de S. João de Loure.

= Encontra-se quasi restabelecida a sr.ª D. Maria Inocencia, de S. João, que ha bastantes mezes se encontrava em tratamento em virtude duma melindrosa operação que sofreu.

= Para a capital seguiu a se-

mana passada o nosso bom amigo Manuel Bernardo Valente, de Fermelã, que permaneceu alguns dias na companhia duma sua tia em Pinheiro. Apraz-nos registar com saudosa recordação a sua afavel companhia.

== De visita a seu pae o nosso amigo Manuel Dias dos Reis, encontra-se entre nós o sr. Antonio Dias dos Reis, laureado estudante do liceu de Coimbra.

== Depois da realisação do seu consorcio em Aveiro, estivéram em Calvões na companhia de seu mano e nosso amigo João Bolaes Monica, o sr. Manuel Maria Bolaes Monica e Maria de Azevedo, naturaes de S. Bernardo.

C.

Anuncios